

## EDITORIAL DO DOSSIÊ

A revista *Caletroscópio*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Ouro Preto, nesta edição especial, apresenta o dossiê temático: Estudos Surdos. A ideia deste dossiê está no interesse de reunir pesquisas e pesquisadores que investigam os elementos visuais como modos de comunicação e expressão pertencentes à cultura surda.

Somos considerados “analfabetos visuais” por autores como Kress e van Leeuwen (2006) que advogam que fomos perdendo, ao longo dos anos, a capacidade de observar as imagens com olhos críticos de quem as compreende enquanto texto. O que diversos autores denunciam é que há um distanciamento escolarizado da imagem, que vai sendo suplantada pelo texto linear, à medida que avançamos academicamente. Sara Oliveira (2006), no artigo “*Texto visual e leitura crítica: o dito, o omitido, o sugerido*”, publicado pela revista *Linguagem & Ensino*, Pelotas, chama a atenção para o fato de que os alunos utilizam as imagens de maneira inadvertida e aleatória com objetivos lúdicos, sendo necessário que a escola lhes proporcione o conhecimento da “gramática visual” para melhor compreensão dos significados das imagens. Para a autora, a imagem não pode ser apenas um “enfeite” para o texto linear.

No caso de estudantes surdos a imagem assume um papel estratégico do ponto de vista linguístico e cultural. Gladis Perlin (2003), pesquisadora surda, comenta que a experiência de ser surdo ou experiência visual significa mais que a utilização da visão, como meio de comunicação. Para a autora, desta experiência visual surge a “cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de ser povo surdo, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico”.

Nesse sentido, Leonardo Peluso e Ana Claudia Lodi (2015) chamam a atenção para a materialidade visual e espacial constitutiva das línguas de sinais e a intrínseca relação existente entre língua e cultura(s). Isto é, como comenta Otavio Santos Costa (2020, p. 80), “o surdo não é visual, a Língua de Sinais é”. A visualidade das línguas de sinais, segundo o autor, que se materializa na própria combinação de movimentos, pontos de articulação, configuração de mãos, delimitações espaciais e expressões faciais, possibilita a exploração de outros recursos visuais. A característica visuoespacial da língua de sinais estabelece condições de produções culturais que precisam ser compreendidas e reverberadas,

Tem-se em Michel Halliday (1998) o argumento de que todo processo educativo é mediado pela linguagem; desta forma, como os recursos semióticos, neste caso específico, os elementos visuais são utilizados como estratégias que possibilitam o ensino e o aprendizado de línguas (L1/L2) e está fortemente apoiado na representação de todo tipo de significação como sujeito surdo/a. “Isso é chamado de semiótica imagética, que é um estudo novo, um novo campo visual onde se insere a cultura surda, a imagem visual dos surdos, os olhares surdos, os recursos visuais e didáticos também” (Campello, 2008, p. 106).

Deste modo, Lucia Reily (2003) salienta a necessidade de utilizar-se a imagem, adequadamente,

como recurso cultural que permeia todos os campos de conhecimento e que traz consigo uma estrutura capaz de instrumentalizar o pensamento, pois crianças surdas prosperam e organizam o mundo, em grande parte, a partir de seus olhos.

O número conta com 9 artigos de áreas, temas e objetos de estudo, desde assunto específico. Foi particularmente desafiador, nesta edição, o diálogo e a designação de avaliadores para os artigos submetidos. Assim, deixamos nosso enorme reconhecimento aos avaliadores e a gratidão pela leitura cuidadosa dos artigos que se dispuseram a avaliar. Agradecemos aos autores pela contribuição e interesse publicar suas pesquisas na nossa revista. Aos leitores, desejamos instigar a vontade de buscar conhecimento no universo tão valioso dos Estudos Surdos. Encerramos com a frase: “*Deaf people are first, last, and of time, people of the eye.*” de Veditz (1912), que se traduz por “**Os surdos são, em primeira e última instância, e sempre, o povo do olho.**”.

**Editoras convidadas:**

Profª. Dra. Ana Regina e Souza Campelo (INES/RJ)

Profª. Dra. Dayse Garcia Miranda (UFOP)

Profª. Dra. Tatiana Bolivar Lebedeff (UFPEL)